

Antonio Gamoneda

ORAÇÃO FRIA
antologia

EDIÇÃO BILÍNGUE

selecção, tradução, introdução e posfácio de

JOÃO MOITA

ASSÍRIO & ALVIM

INTRODUÇÃO

Antonio Gamoneda nasceu em Oviedo no dia 30 de Maio de 1931, um ano antes de seu pai, também Antonio, jornalista de profissão e poeta por obstinação, falecer. Em 1934 muda-se com a mãe, Amelia Lobón, bordadeira, para León e lá permanece até à actualidade. Vivendo num bairro operário, aceitando tantas vezes a caridade e debatendo-se constantemente com a falta de recursos, a mãe soube ser o refúgio que defende a infância dos assaltos da realidade, recompensando em ternura e velada compreensão o que não pôde dar em abundância e instrução. Órfão como era, desde muito cedo Gamoneda teve de se entender com a duplicidade das ausências na sua vida, o rasto de presença que elas deixam na memória.

Com as escolas fechadas em consequência da Guerra Civil que entretanto despontara (1936-1939), e sem recursos para frequentar o ensino particular, Gamoneda aprende a ler sozinho pelo único livro que restava da vasta biblioteca pessoal do seu pai, o livro de poesia que o próprio publicara em 1919, *Otra más alta vida*. Livro sem repercussão nos círculos literários espanhóis da época, mas que iria desempenhar um papel determinante na vida de uma das vozes mais singulares da literatura espanhola: ao mesmo tempo que aprendia a reconhecer as primeiras letras, Antonio Gamoneda apreendia a dimensão musical da linguagem, intuía a sua plasticidade e a sua precariedade. A descoberta da poesia deu-se muito cedo na vida de Gamoneda, mas a rudimentaridade dos seus recursos interpretativos não impediu a intuição do valor sensorial das sílabas, a sensação de mistério para que abria

uma certa forma estranha de reunir as palavras, o prazer das visões que proporcionavam: «O desconhecido, presente naquelas palavras, era em mim uma realidade que não carecia de explicações, como não carece delas a presença [...] da música ou a percepção da luz», recordou mais tarde o poeta.

Durante todo esse tempo, León era um dos palcos privilegiados da repressão e da carnificina da guerra e do pós-guerra, flagelos acentuados pela miséria no bairro operário. A tudo isso assistia Gamoneda da varanda da casa onde morava. Mais tarde as recordações dos massacres e do transporte dos prisioneiros vão ser transfiguradas em poemas.

Aos dez anos é aceite por caridade num colégio religioso de padres agostinianos, mas a experiência revela-se traumática e acaba por desistir por vontade própria dois anos mais tarde. Os padres, além de severos, não eram grande exemplo de castidade. Um dia depois de fazer catorze anos começa a trabalhar como estafeta no Banco Mercantil, instituição na qual desempenhará diversas funções durante 24 anos. Enquanto trabalhava no banco para ajudar ao sustento da família, Gamoneda conseguiu terminar o ensino secundário, tendo ainda anteposto à fraca formação oficial, uma sólida cultura laboriosamente conquistada pelo seu próprio esforço e curiosidade calibrados pela necessidade, característica, entre tantas outras, que o distingue dos poetas da sua geração, todos eles formados pelas universidades.

Ainda nessa época toma contacto e envolve-se activamente com os movimentos de resistência à ditadura franquista que então se instalara. Vê muitos dos seus amigos e companheiros de luta serem humilhados, torturados e mortos às mãos da repressão, e vê tantos outros enlouquecerem. Esses amigos perdidos ocorrem

muitas vezes aos poemas sob a forma de ausências vigilantes designadas no seu universo poético por *desaparições*.

Ao mesmo tempo que adquiria consciência política, Gamoneda apurava a consciência poética que herdara do seu pai em forma de livro. Em 1947 começa a escrever os seus primeiros poemas, os quais reuniu posteriormente sob o título *La tierra y los lábios* (1947-1953), aquando da publicação de *Edad*, volume que reúne e revisa toda a poesia que escreveu até 1987. Apesar de ter publicado o seu primeiro livro, *Sublevación inmóvil* (1960), numa colecção importante e de ter inclusivamente sido finalista de um então importante prémio de poesia para novos autores, a condição periférica de León relativamente aos centros culturais de Madrid e Barcelona, a sua actividade na resistência, bem como a autonomia das suas opções estéticas em relação às correntes dominantes, acabaram por silenciar a voz do poeta por dezassete anos, altura em que publica *Descripción de la mentira* (1977), livro que marca a entrada definitiva na maturidade da escrita do autor, mas que acabou também por não repercutir grandemente nos meios literários. Entre 1947, o ano em que escreve os primeiros poemas, e 1970, ano em que termina a composição do livro que veio a chamar, quando o publicou nove anos depois, *León de la mirada*, é intensa a actividade literária de Antonio Gamoneda, como o comprova os conjuntos de poemas que mais tarde publicou: além de *La tierra y los lábios* (1947-1953) e de *León de la mirada* (que depois se chamará *Exentos II – Pasión de la mirada* (1963-1970)), escreveu *Exentos I* (1959-1960) e *Blues Castellano* (1961-1966), livro que teve edição independente em 1982, e que não foi publicado na época da sua composição por causa da censura.

Enquanto os poetas da sua geração vão fazendo escola, promovendo leituras, movendo-se no interior da academia, publican-

do abundantemente em nome próprio e em volumes colectivos, pondo em movimento a maquinaria geracional de legitimação e canonização, Antonio Gamoneda mantém-se à margem, apurando lentamente a sua voz poética, descobrindo o ponto de dicção em que a sua voz, rara como um oásis, se ergue unívoca sobre as potencialidades ainda insondadas da língua espanhola. O que verdadeiramente distingue Antonio Gamoneda dos poetas espanhóis em actividade na mesma época, à parte a sua condição proletária, é essa lentidão de aprumo à margem do discurso poético dominante, do conhecimento sedimentado das instituições e do correntio da exposição pública a que rapidamente se alçaram muitos dos seus colegas.

Em 1969 é convidado pela Diputación Provincial de León a criar e dirigir os serviços culturais deste organismo provincial, mas oito anos mais tarde é exonerado do cargo na sequência de uma lei administrativa — e portanto política — que fixou a obrigatoriedade de uma escolaridade mínima para o desempenho das funções correspondentes ao lugar de Gamoneda. Mais tarde é readmitido depois de uma decisão judicial favorável. Alheio a esses acontecimentos não será a sua forte oposição à ditadura franquista e a sua resolução tácita de se servir de dinheiros públicos para promover a palavra da resistência, como o fez através da importante colecção de poesia *Provincia*, que criou e dirigiu a partir de 1970.

Por essa altura vive uma crise existencial e criativa que se agudiza com a queda da ditadura e os contratempos da transição. Durante sete anos não escreve um único verso. Até que o silêncio fica maduro para falar e dele emerge um poeta inteiramente novo capaz de contar o que sondou. Eis como abre o livro que então publicou: «O óxido pousou na minha língua como o sabor de uma desapa-

rição. // O esquecimento entrou na minha língua e não tive outra conduta a não ser a do esquecimento, // e não aceitei outro valor a não ser o da impossibilidade.» *Descripción de la mentira* (1977) é um daqueles livros inultrapassáveis que fundam uma visão do mundo tão singular que só é possível alcançá-la pela imitação.

A publicação desse livro não trouxe contudo o reconhecimento que a obra do poeta merecia. Tal só vem a acontecer com a publicação de *Edad (Poesía 1947-1986)*, uma edição que Miguel Casado deu a conhecer em 1987 e que ganhou nesse ano o Prémio Nacional de Poesia, catapultando definitivamente o poeta para o centro das atenções do público leitor de poesia.

Entretanto Gamoneda já tinha conseguido publicar algumas das obras que tinham ficado inéditas desde os tempos da ditadura e acabava de dar à estampa *Lápidas* (1987), o seu livro mais recente, e também, se calhar, o seu livro mais biográfico, ainda que, como explico no posfácio desta edição, a biografia se faça mito para ser, antes de mais, poesia.

Libro del frío, aquele que é considerado por muitos o livro mais importante do autor, sai em 1992, *Ardén las perdidas* em 2003, e *Cecilia*, nome da sua única neta e em cujo despertar da consciência Gamoneda abisma a sua poesia, em 2004. Pelo meio publica ainda *El vigilante de la nieve* (1995), mais tarde incluído nas reedições de *Libro del frío*, e o *Libro de los venenos*, tradução livre a partir de um códice do botânico do século I, Dioscórides. Por essa altura a divulgação da sua obra é intensa; publicam-se diversas antologias da sua poesia, é traduzido para várias línguas e convidado para colaborar em diversas publicações.

Além de poeta, Antonio Gamoneda é também um pródigo tradutor, tendo vertido para o espanhol autores como Nazim

Hikmet, Mallarmé, Trakl e outros, e um ainda mais pródigo ensaísta. Alguns dos seus textos teóricos mais influentes estão coligidos em *El cuerpo de los símbolos* (1997).

A consagração definitiva dá-se em 2005, com a atribuição do Prix Européen de la Littérature em Estrasburgo, e 2006, quando lhe são atribuídos, quase em simultâneo, os prémios Cervantes e Reina Sofía de Poesía Iberoamericana, os dois galardões literários mais importantes da língua espanhola. O que o reconhecimento lhe trouxe em publicidade tirou-lhe contudo em solidão. De 2006 a 2010 praticamente não escreve uma linha, soçobrado ao peso das obrigações, embora consiga escrever o seu primeiro tomo de memórias, *Un armario lleno de sombra* (2009). Do retiro que fez em 2010 e da decisão de reduzir ao máximo as aparições públicas e as viagens resultou *Canción Errónea* (2012), o seu primeiro livro de poesia em oito anos. Recentemente foi-lhe atribuído o Prix International de Poesía «Argono», em Marat, Marrocos.

Esta antologia segue a ordenação e a fixação dos textos de *Esta Luz, poesía reunida (1947-2004)*, que o próprio poeta organizou. As datas que aparecem junto dos títulos dos livros correspondem às datas de composição dos poemas e não às da sua publicação, uma vez que, como vimos, não são coincidentes. Juntam-se ainda cinco poemas de *Canción Errónea*.

João Moita

TANGO DA ETERNIDADE

Veia ávida, dá-me o teu cordel.

Quem tem medo quer entrar em ti,

véspera negra. E nos pátios canta,

tonta, a eternidade.

Este verão,

não deixes de vir, veia ávida,

deus sem semente, paz sem esperança.